



AUTOETNOGRAFIA DE UM PERSONAGEM

EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO*

Diz o personagem:

“Apesar de ser invenção ficcional, pois sou apenas um personagem, corro risco de vida. O autor que me criou, lá com os seus botões, pode, a qualquer momento, sacramentar o meu fim. O pior não é isso. Caso queira, mediante o narrador, me dará um fim trágico como foram os casos de Édipo e Macbeth, um fim dramático como foi dado a Romeu e Julieta ou uma morte espetacular, trivial, ou insensata. Sou a marionete perfeita de sua história.

Vou te falar a minha sina: estou nas mãos do meu criador. Não me determino, isso é terrível. Sou um coitado. Não passo uma porta sem que o narrador me instrua com palavras inventadas para proceder a esse ato prosaico; nem sequer atravesso a noite numa insônia poética ouvindo Tom Jobim. Não sou capaz de me descabelar como um rei vetusto no último fôlego. Eu fico aí, entre linhas, agitando a emoção do leitor com suspense, paixão, medo, angústia, trabalho e amor cravado de espinhos.

Não me determino, é isso que posso dizer agora. Entretanto, você, você mesmo que me escuta, não se determina. Não ria. Não ria porque o autor que me criou com a sua narrativa desengonçada também não se determina. Ele é humano, sujeito histórico, gente feita de matéria perecível. Está sempre em apuros subjugado que é pelas leis do Estado.

* Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás.

Ele tem medo da polícia, nem crê totalmente em si, procura Deus querendo ser semideus e sabe que vai para a lata. Vai ter um fim mais cedo ou mais tarde. Fim mesmo, real.

Eu não sou de carne e osso, afinal sou um personagem. Não tenho narinas e pés, muito menos cotovelos para me apoiar numa mesa de vime ou no braço da cadeira desgastada e fria. Eu só existo na ficção. Apesar disso, o meu risco não é menor que o seu. Eu sei que você não sabe como enfrentar os problemas desse tempo.

Me diga aí... Me diga o que você pensa dos trabalhadores amontoados nas encostas íngremes das metrópoles, dessa gente que vive morando nas ruas, desses coitados tomados pelo crack.

Me diga o que você está fazendo nas imensas igrejas; no estádio do futebol com gritos delirantes; no carnaval da Bahia e nos corredores frios das penitenciárias brasileiras. Me diga como você consegue se sentir nas ruas azougadas por gritos de veículos; nos hospitais de paredes cor de gelo cheios de gente gritando de dor. Vai lá, me diga o que é adoecimento mental; o que é desemprego estrutural. Você pode me explicar a intoxicação das águas, do solo e do ar – e as mudanças climáticas. Estou curioso: Por que você tem tantas dificuldades de escutar? Hum... e as suas dificuldades de diálogo... Me explique o seu narcisismo modulado no mundo invisível dos algoritmos; no trânsito assassino; na drogadição e na economia nefasta do tráfico...

Pois é! Estamos no mesmo barco: o criador também não se determina. Eu sei que a virada da caneta, a escolha de um novo verbo, uma mexida na imagem da frase pode restaurar tudo. Às vezes, eu fico maravilhado com a existência das paisagens por onde o autor me coloca. Fico maravilhado com as formas, suas cores e a incrível conexão que existe entre as coisas. Também suspiro como O'Hara diante das nuanças das paisagens, da mutação da luz, da sua ligação com a estação e com o tempo do mundo...

De repente percebo que me componho junto às paisagens. É só dar três passos e me transformo em imagem. O que vem depois é extraordinário. Poetas me dizem, fotógrafos me fixam e tudo renasce na percepção do leitor... Assim vou ultrapassando páginas e capítulos para compor a história, e ela tem que chegar a um fim, mesmo que aberta.

O meu problema não é esse. É outro. O que sei de mim é pouco. É com esse pouco saber que me faço em cenas e situações. Me dá vontade de gritar como se tivesse uma grande bastilha no cérebro, ou um muro de pedra para transpor qual a muralha chinesa.



Mas não posso, sou um personagem. Quase sempre eu me canso de ser o que não sei. Isso cria necessidade de haver exegetas universitários, gente especializada em teoria literária, intérpretes da sociologia para me pôr no lugar e no tempo. É muito cansativo não se determinar... Eis a minha diferença com você, leitor: você pode escolher antes de desabar-se fatalmente. Entretanto, um dia você irá, irá fundo, para sempre, e eu ficarei guardado num livro na última prateleira do sebo. É só o leitor pegar o livro, ler a história e me acompanhar nos parágrafos. O livro é 10 reais”.

